pedir que novas quedas de preço ocorram?

Prever com precisão este momento é impossível. No entanto, em vista do quadro estatístico do mercado e da debilidade da economia dos países produtores, esse momento não parece muito distante no tempo. Seria necessário, portanto, que os principais países produtores analisassem a possibilidade de promover reduções coordenadas de produção para as próximas estações. Do contrário, os fundamentos do mercado, a médio prazo, se farão sentir e os preços do cacau retomarão a trajetória baixista, interrompida nos últimos meses.

CAFÉ

Altas, até quando?

A tendência declinante, que há muito vigorava no mercado internacional de café, aparentemente cedeu lugar, desde junho último, a um processo moderado de elevação dos preços (ver Gráfico 1). Naturalmente, foram vários os fatores que provocaram esta reversão. Entre eles, merecem destaque a ocorrência de geadas no Brasil durante o último inverno e a efetividade do Acordo Internacional, renovado em setembro passado.

Até junho de 1981, quando se iniciou o período de altas em vigor, a tendência declinante era incontestável e se anunciava de duração prolongada. Isto porque, então, já se havia consolidado a previsão de um grande excesso de oferta, em 1981/82, provocado, em grande parte, pela recuperação da colheita brasileira. Além disso, previa-se que o estoque internacional, estimado em 41 milhões de sacas, em setembro de 1982, continuaria aumentando, em 1983 (ver Quadro 1). Em razão desses fatores e de crescentes divergências entre os países produtores, aumentava a descrença quanto à possibilidade de renovação do Acordo Internacional para o período 1981/82.

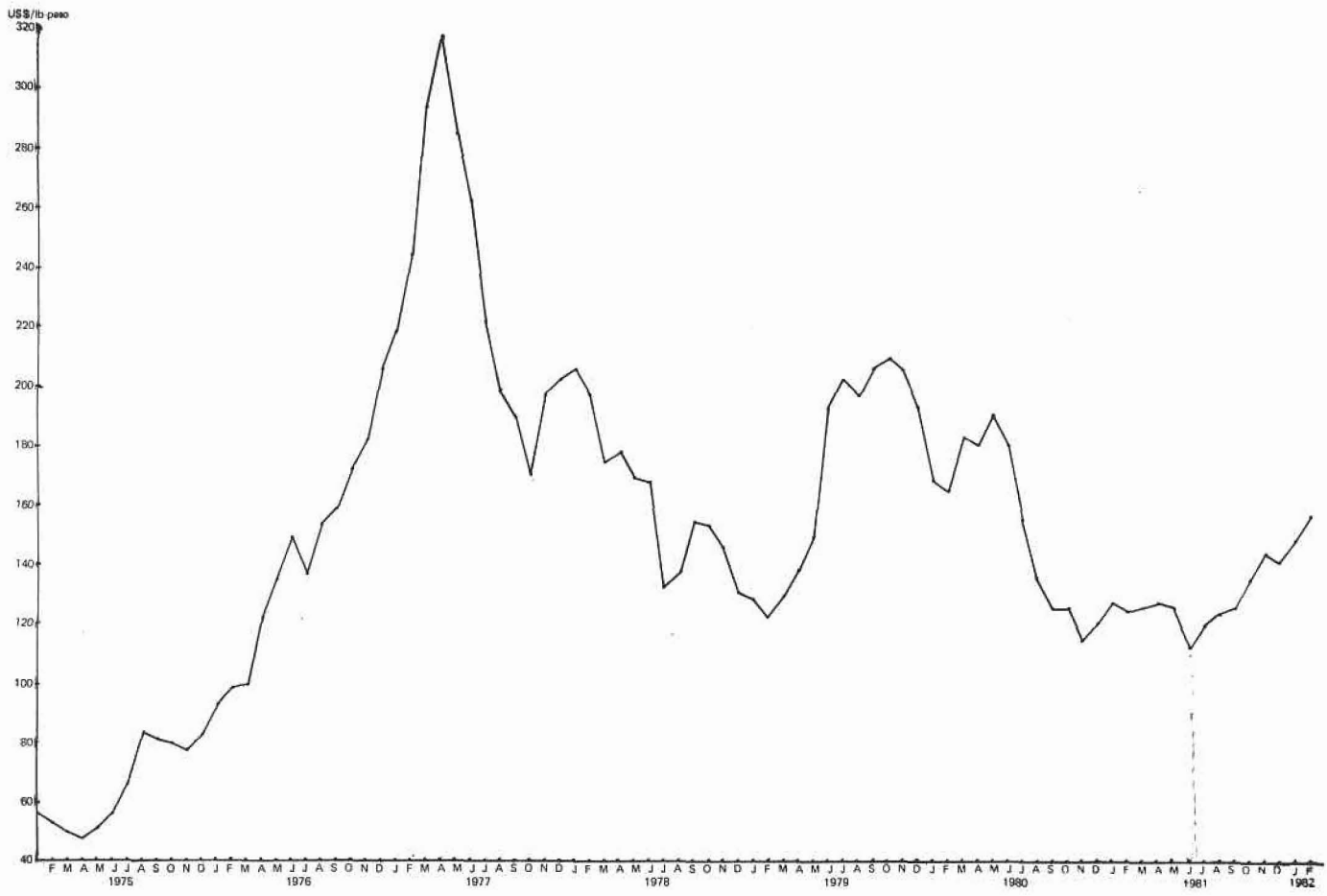
No mês de julho, porém, este panorama foi alterado substancialmente. Nos últimos dias do mês, geadas de grandes proporções atingiram quase que a totalidade das plantações brasileiras de café, comprometendo cerca de 50% da colheita prevista para o ano seguinte. O IBC, em tempo recorde, divulgou sua avaliação dos prejuízos. A colheita de 1982, antes prevista em 28 a 30 milhões de sacas, não ultrapassaria 15 milhões. O USDA, em procedimento diametralmente oposto, divulgou, de dez em dez dias, estimativas acerca dos danos em cada um dos estados atingidos.

Atualmente, depois de algumas reavaliações, o USDA estima que a produção brasileira de 1981/82 deverá situar-se entre 16 e 18 milhões de sacas. A respeito, cabe assinalar que o IBC adia indefinidamente a divulgação de sua reavaliação. Segundo informações de técnicos do IBC, os resultados da pesquisa realizada em novembro (última estimativa da safra 1980/81 e primeira previsão da colheita de 1982) não foram divulgados em razão de erros detectados na determinação da amostra da população cafeeira da Bahia (estado não atingido pela geada). No entanto, existe a suspeita de que a pesquisa tenha atingido resultados superiores aos já publicados. Segundo as mesmas fontes, a pesquisa realizada em novembro estimou a produção de 1981 em 35 milhões de sacas (32,1 milhões de sacas, conforme o levantamento anterior) e a de 1982, em torno de 18,5 milhões de sacas, ao invés dos 14,9 milhões previstos anteriormente. Segundo o USDA, as colheitas dessas duas estações seriam, respectivamente, de 32,5 milhões e de 16 a 18 milhões de sacas. Contudo, a polêmica, que agora se acirra, teve, até o momento, poucos reflexos sobre os preços.

O movimento altista, iniciado em julho de 1981, sofreu importante impulso com a renovação do Acordo Internacional, em setembro. Até dias antes da assinatura formal do pacto, diversos segmentos do mercado alimentavam dúvidas quanto à possibilidade de renovação ou, pelo menos, quanto à efetividade do acordo possível entre produtores e consumidores. A oposição de alguns países à renovação havia-se diluído bastante, em

GRÁFICO 1

CAFÉ – Preços Indicativos da OIC para Café Categoria "Outros Suaves" – Janeiro de 1975 a Fevereiro de 1982 – US$/lb-peso



FONTE: OIC.

razão da geada ocorrida meses antes. No entanto, permaneciam graves divergências entre as nações produtoras, a respeito, principalmente, do critério de determinação de quotas. A negociação no âmbito dos países exportadores foi dificultada ainda mais pela ação dos EUA. Os norte-americanos, movidos por seus interesses na América Central, formularam propostas especialmente favoráveis aos países da região. Alegavam, como aliás ainda alegam, que o mundo padecia de uma escassez de café do tipo produzido pela América Central e que, portanto, o Acordo deveria fixar uma quota proporcionalmente maior para os países daquela região.

Todas as dificuldades só foram superadas quando o Brasil resolveu abandonar as negociações. Neste momento, prevaleceu o bom senso, ou seja, um acordo, mesmo em bases menos favoráveis a alguns países, seria sempre preferível à hipótese de não-renovação.

Mais uma vez, as expectativas se transformaram radicalmente. A conciliação entre os interesses dos países produtores e desses com os das nações consumidoras, que parecia inviável, deu lugar à determinação de uma quota básica para o primeiro trimestre do ano-convênio, que, em seguida, mostrou-se inferior às necessidades de consumo do período. Este aperto de oferta somente ocorreu em razão da inexistência de estoques significativos fora do controle da OIC, como os da Pancafé, cujo alarde, no período anterior foi responsável, em grande medida, pelos baixos preços praticados. As bases estabelecidas na renovação do Acordo contribuíram para que a cotação, em Nova Iorque, de contratos para liquidação em dezembro, aumentasse 10% no último trimestre do ano.

Contudo, não foram apenas esses fatores que provocaram a elevação das cotações. Sem dúvida, a aceleração dos negócios, verificada nos últimos meses de 1981 e que persistiu vigorosa até meados de fevereiro, em muito decorreu do rigor do inverno no Hemisfério Norte e da exigüidade dos estoques em mãos dos países consumidores (ver Quadro 2). Estes dois fatos merecem atenção especial. O inverno, normalmente, provoca pressão adicional sobre as cotações internacionais, em razão do aumento sazonal do consumo no Hemisfério Norte. Este ano, no entanto, esta pressão foi maximizada em razão do próprio rigor do inverno e do reduzido estoque dos torrefadores internacionais.

Os dados do Quadro 2 jogam uma luz sobre a questão. Observe-se que os saldos mensais das reservas norte-americanas declinam, mês após mês, desde fevereiro do ano passado. Além disso, a partir de setembro último, a quantidade estocada caiu para uma faixa inferior até mesmo ao nível apurado em dezembro de 1977 que, até então, era o menor estoque mensal verificado no período considerado. Cabe registrar que a estimativa para janeiro de 1982 é 82% inferior à do mesmo período de 1981.

A escalada dos preços do café resultou, pois, da conjugação de fatores tais como: 1) juros elevados no mercado externo, que oneraram o custo da estocagem; 2) o inesperado aumento do consumo e 3) a impossibilidade de efetuar, em tempo hábil, novas compras junto aos países produtores, cujas ofertas estavam limitadas pelas quotas da OIC. A pressão resultante foi de tal ordem, que a Bolsa de Nova Iorque sofreu dois *squeezes*(1) seguidos; um em dezembro e outro, de intensidade menor, em março.

Normalmente, uma elevação da taxa de juros provoca reflexos negativos sobre as "commodities", exceto em relação àquelas que evidenciam sinais de brusca oscilação a curto prazo. A elevação da taxa de juros aumenta o custo do financiamento de margens nas bolsas de mercadorias, encarecendo também a manutenção de estoques físicos do produto. Em conseqüência, os especuladores deslocam seus recursos para mercados cuja expectativa de remuneração é maior ou, pelo menos, mais previsível. Os comerciantes diminuem suas operações em bolsa, pois o maior

(1) Situação em que os contratos em aberto superam a quantidade física de café estocado.

custo financeiro das margens encareceria o preço do produto final.

No caso do mercado de café, estes movimentos aconteceram. Todavia, a alta da taxa de juros provocou uma redução de tal ordem nos estoques físicos nas mãos dos torrefadores, que a elevação inesperada do consumo, num momento em que a oferta dos países produtores era restrita, acabou provocando um forte aperto de demanda. A elevação da taxa de juros que, a princípio, deveria provocar um relativo enfraquecimento dos preços, acabou cumprindo papel importante no processo gerador da tendência altista dos últimos meses.

Pode-se perguntar até quando persistirá o processo de altas sucessivas, desencadeado em meados de 1981, com as geadas no Brasil. Esta questão tem dividido os analistas de mercado. A corretora inglesa "Inter-Commodities Limited", por exemplo, em seu último boletim, aconselha firmemente seus clientes a comprarem contratos de café com entrega no final do ano. Baseia-se na crença de que, durante o segundo semestre de 1982, a redução da colheita brasileira começará a se fazer sentir de forma mais acentuada, provocando novas altas de preço. Por sua vez, outros analistas acreditam que o processo altista já se está esgotando, pois decorreu basicamente de um fator aleatório — o rigorosíssimo inverno de 1982. Com a chegada da primavera, afirmam eles, a situação tenderia a se normalizar e os preços recuariam para uma faixa entre US$ 1,20 e US$ 1,30/lb-peso.

As estimativas disponíveis para a safra 1981/82 não respaldam a ex-

QUADRO 1

CAFÉ — Distribuição Mundial da Oferta — 1975/76 a 1981/82
(Em 1.000 sacas de 60 kg)

Discriminação	1975/76	1976/77	1977/78	1978/79	1979/80	1980/81	1981/82
Estoques iniciais	44.725	39.370	25.932	29.704	25.153	25.669	29.463
Produção	72.894	61.157	71.085	79.131	81.348	84.273	96.930
Importação dos países produtores	525	585	606	719	723	677	714
Disponibilidade total	118.144	101.112	97.623	109.554	107.224	110.619	127.107
Consumo interno dos países produtores	18.932	18.180	18.988	19.595	20.062	20.608	21.170
Exportações	59.845	57.000	48.931	64.806	61.493	60.548	64.542
Estoque final	39.370	25.932	29.704	25.153	25.669	29.463	41.395

FONTE: Complete Coffee Coverage.

pectativa de um aperto de oferta, ainda em 1982. Segundo o último balanço de oferta e demanda, divulgado pelo USDA em janeiro (ver Quadro 1), a produção mundial, pelo quinto ano consecutivo, sofrerá um acréscimo em relação à do ano anterior. Os estoques internacionais sofrerão um aumento de quase 12 milhões de sacas em setembro próximo e, nessa ocasião, os remanescentes da safra representarão cerca de 64% da quantidade exportada em 1981/82.

Ainda não estão disponíveis estatísticas relativas à produção mundial de 1982/83. Supondo-se que o Brasil produza 18 milhões de sacas, os demais países produtores repitam a *performance* de 1981/82 e os níveis de exportação e consumo interno se mantenham também inalterados, durante 1982/83, o estoque final da estação declinaria para cerca de 27 milhões de sacas, volume correspondente a 42% das exportações realizadas em 1981/82.

O quadro estatístico descrito acima não caracteriza, por certo, uma situação de aperto de oferta, o que reforça a tese de que o principal sustentáculo do mercado é a vigência do Acordo Internacional. Assim, as expectativas quanto aos rumos que deverão tomar as negociações de renovação em setembro próximo e, principalmente, os termos em que será firmado o Acordo, influenciarão sobremaneira o comportamento dos preços internacionais.

QUADRO 2

ESTADOS UNIDOS – Estoque Mensal de Café Verde – 1977-81
(Em 1.000 sacas de 60 kg)

Mês	1977	1978	1979	1980	1981
Janeiro	2.834	1.719	2.269	2.898	2.846
Fevereiro	2.909	1.721	2.012	2.762	2.886
Março	3.519	2.161	2.345	2.918	2.788
Abril	3.511	2.160	2.360	2.677	2.571
Maio	3.111	2.093	2.219	2.528	2.374
Junho	3.115	2.202	2.405	2.907	2.248
Julho	3.339	2.663	2.752	3.408	2.095
Agosto	2.968	2.267	2.575	3.206	1.742
Setembro	2.638	2.131	2.724	2.956	1.454
Outubro	2.231	2.465	2.430	2.889	1.421
Novembro	1.852	2.442	2.401	2.874	1.321
Dezembro	1.684	2.347	2.521	2.814	937

FONTE: Complete Coffee Coverage.

Antes de setembro próximo, no entanto, o mercado viverá mais um período sob a influência de riscos de geada no Brasil. Nos últimos anos, o inverno brasileiro não tem provocado, como anteriormente, aumento significativo dos preços externos. Ao contrário, exceto nos anos em que a geada de fato ocorreu, os preços têm declinado durante os meses de inverno no Brasil. Este fato decorre, ao que parece, da menor demanda de café que se verifica naqueles meses. Os torrefadores têm aumentado suas compras nos meses de abril e maio, de modo a permitir uma redução significativa de suas compras, no período crítico.

Em 1982, no entanto, dois fatores novos estarão presentes durante os meses de maior risco de geadas. A oferta internacional estará disciplinada pelas quotas da OIC, o que deverá dificultar as manobras de antecipação de compras. Estas manobras serão ainda desestimuladas pelas taxas de juros, que deverão continuar em nível elevado nos próximos meses. Assim, é provável que os torrefadores estrangeiros encontrem maiores dificuldades do que nos últimos anos, para reduzirem suas compras nos meses de junho e julho.

Na hipótese de não-ocorrência de geadas em 1982, o futuro do mercado, em termos de preços externos, deverá ser decidido em setembro, na sede da OIC. Desde já, as negociações se anunciam árduas. Vários são os países cujos interesses se conflitam com os do Brasil. A Colômbia, a Indonésia e todos os outros países cuja produção aumentou significativamente depois da geada de 1975, desejam que a sistemática de fixação de quotas individuais de exportação seja revista. Alegam que o critério em vigor não reflete a atual realidade da produção mundial de café. Por este critério, as quotas dos países exportadores são calculadas em função do desempenho verificado no período 1968/69 a 1971/72. A média brasileira registrada neste quadriênio foi de 16,5 milhões de sacas e, a colombiana, de 6,1 milhões. Caso a OIC decida, como desejam aqueles países, fixar, para efeito do cálculo das quotas, os últimos quatro anos (1977/78 a 1980/81) a média brasileira cairia para 11,4 milhões de sacas e a colombiana se elevaria para 9,2 milhões.

As autoridades brasileiras tentam rechaçar a proposta, com o argumento de que a alteração do critério para o cálculo das quotas institucionalizaria os prejuízos brasileiros decorrentes da geada de 1975, uma vez que as exportações do país passariam a ser determinadas pelo comportamento verificado após 1975.

Outras propostas também contrariam os interesses do Brasil. Os EUA e a CEE pretendem estabelecer uma penalidade para o país exportador que não cumprir sua quota trimestral. Esta proposta objetiva apenas dificultar o andamento das negociações. É evidente que os países exportadores, todos subdesenvolvidos, têm procurado vender o máximo possível de café. Uma ou outra nação que, eventualmente, não tenha cumprido sua quota, só o fez por razões insuperáveis e, por certo, o efeito altista sobre as cotações, daí advindo, foi desprezível.

Não se pode esquecer, também, que o conflito em El Salvador influenciará decisivamente a definição da postura a ser assumida pelos EUA. A posição dos norte-americanos, ratificada por algumas corretoras européias, sustenta que haveria uma escassez de café categoria "outros suaves", produzido na América Central. Durante as negociações do convênio em vigor, esta tese foi defendida também pelos EUA, gerando posições de total intransigência por parte da maioria dos países centro-americanos. É preciso lembrar que este fato quase inviabilizou a assinatura do Acordo 1981/82, que vem trazendo benefícios a todos os países produtores.

Tendo em vista os diversos fatores até aqui apontados, parece provável que as cotações internacionais enfrentem um período de relativo desaquecimento até setembro próximo, supondo a não-ocorrência de geadas no Brasil, no corrente ano. A partir de então, as decisões a serem acordadas na OIC determinarão a tendência-mestra a ser percorrida pelas cotações externas. É claro,

no entanto, que a redução da disponibilidade internacional, em 1982/83, provocada pela menor colheita brasileira no ano em curso, emprestará um suporte efetivo aos preços internacionais.

Caso essa expectativa se configure, a receita cambial brasileira sofrerá um aumento em relação à do ano passado. O IBC fixou como meta para 1982 a exportação de 17 a 17,6 milhões de sacas, que renderiam ao país uma receita de US$ 2,0 a US$ 2,2 bilhões. Da quantidade total prevista, 15,5 milhões de sacas se destinarão aos países filiados à OIC, sendo 13,3 milhões de café verde e 2,2 milhões de solúvel. O volume restante (1,5 a 2,0 milhões de sacas) deverá ser vendido para países não-membros da OIC.

Na hipótese dessa meta quantitativa se efetivar, será preciso que o país obtenha um preço médio para cada saca exportada entre US$ 115 e US$ 130, para que a receita prevista seja atingida. Este valor médio é superior ao obtido em 1981, quando o Brasil vendeu 15,8 milhões de sacas a US$ 110/saca. No entanto, a situação do mercado em 1982 deverá ser bem mais favorável aos países produtores, tornando viável o intervalo necessário (US$ 115 a US$ 130/sc) para a consecução da meta.

No âmbito interno, a tendência dos preços do mercado físico é de moderada ascensão, no corrente ano. No período entre julho de 1981 e fevereiro de 1982, quando as cotações internacionais subiram cerca de 50%, os preços internos não obtiveram variação proporcional. A determinação de quotas individuais para as empresas exportadoras e o arrocho creditício promovido pelas autoridades fazendárias foram, sem dúvida, os fatores que impediram a transferência integral daquele benefício ao produtor.

Não existe a perspectiva de abandono do sistema de quotas individuais e, tampouco, de alteração imediata da política creditícia. No entanto, o quadro estatístico interno é francamente favorável aos produtores. O estoque previsto para o início do ano-safra brasileiro 1982/83 (ver Quadro 3) está avaliado oficialmente em 13,9 milhões de sacas. Considerando-se uma estimativa mais otimista para a colheita realizada em 1981, o estoque inicial atingirá 16,5 milhões de sacas. De qualquer modo, o total disponível para comercialização entre julho/82 e julho/83 é relativamente pequeno, em comparação com a quantidade que deverá ser demandada para consumo interno e exportação. Este aperto se evidencia ainda mais, levando-se em conta que o IBC possui hoje cerca de 7,5 milhões de sacas em estoque. Assim, de acordo com os dados do Quadro 3, a disponibilidade privada para 1982/83 será de 21,4 milhões, segundo a hipótese I, e de 27,5 milhões segundo a hipótese II. Note-se, ainda, que no primeiro caso a disponibilidade privada seria insuficiente para suprir as demandas externa e interna.

QUADRO 3

BRASIL – Previsões Alternativas da Disponibilidade Interna de Café e Destino da Produção – 1982/83
(em milhões de sacas de 60 kg)

Discriminação	Hipótese I	Hipótese II
Estoque em 1º/7/81	6,2	6,2
Produção 1981/82	32,1	35,0
Disponibilidade total	38,3	41,2
Exportações até junho/82	17,2	17,2
Consumo interno até julho/82	7,2	7,5
Estoque em 1º/7/82	13,9	16,5
Produção 1982/83	15,0	18,5
Disponibilidade total	28,9	35,0
Exportações em 1982/83	18,5	17,5
Consumo interno 1982/83	7,2	7,5
Estoque em 1º/7/83	3,2	9,5